

# PATRIMÔNIO, INFORMAÇÃO E IDENTIDADE

## o discurso do grafite no espaço urbano

*Everton Tolves Almeida<sup>1</sup>*

### Resumo

O grafite é uma prática protagonista na cidade contemporânea que dá conta da variedade de formas de apropriação dos espaços públicos e que revela, ao mesmo tempo, a multiplicidade de dinâmicas sociais que subjazem ao espaço urbano. Levando em conta as diferentes relações que esta forma de comunicação visual estabelece com a cidade de hoje, visa-se discutir brevemente a interface entre dita prática e o patrimônio. Este último é assumido como categoria privilegiada na construção de sentidos e significados sobre a história de um lugar e como referencial da cultura e a identidade de um grupo social, na qual, cidade e patrimônio poderiam ser concebidos como materialização da memória popular que simboliza o elo entre o homem e seu meio social construído através dos anos. Este trabalho tem como pauta, a patrimonialização, servindo como fontes de informações para pesquisas históricas, antropológicas e entre outras, cabendo ao mesmo, a sua afirmação enquanto identidade social e cultural nas grandes cidades e periferias.

Palavras-chave: Grafite, identidade, memória, patrimônio.

### Abstract

Graffiti is a protagonist practice in the contemporary city that accounts for the variety of public spaces ownership forms and revealing at the same time, the multiplicity of social dynamics that underlie the urban space. Taking into account the different relationships that this form of visual communication established with the city of today, aims to briefly discuss the interface between said practice and equity. The latter is assumed to privileged category in the construction of senses and meanings about the history of a place and how the culture of reference and the identity of a social group, in which city and heritage could be conceived as the embodiment of popular memory that symbolizes the link connection between man and his social environment built over the years.

Keywords: Graffiti, identity, memory, heritage.

<sup>1</sup> Graduado em Arquivologia pela Universidade Federal de Santa Maria, RS e Mestrando em Patrimônio Cultural pela UFSM. E-mail: tomtolves@gmail.com

### Introdução

Nos primórdios da humanidade e nas pinturas rupestres temos os primeiros rastros do que viria ser a arte do grafite. Usando como referência Silva-e-Silva (2011, p. 22) vamos partir do evento caracterizado como o estopim do grafite que teve seu marco na França de 1968. A França passava pelo chamado Movimento de maio de 68, que foi uma grande onda de protestos que teve início com manifestações estudantis para reivindicar reformas educacionais.

Os grafites serviam para registrar na cidade descontentamentos e protestos, foi uma possibilidade que as pessoas encontraram para demarcar, extravasar e difundir as recusas e expectativas transcendentais naquele momento. (SILVA-E-SILVA, 2011, p.22) Em várias grandes cidades do mundo não é difícil encontramos inúmeras inscrições em suas paredes. Dizeres pintados em várias formas, de várias maneiras, com letras estranhas impossíveis de serem compreendidas, por não nos apropriarmos dos códigos para sua decifração.

Existem também outras linguagens características do grafite, como exemplo o stencil, arte simples, possuindo poucas cores, mas com uma função de denunciar problemas relativos a sociedade, como mostra a figura a seguir.



Figura 1 - Obra de Banksy. Fonte: disponível em: <<https://www.hulldaily.com/news/hull-east-yorkshire-news/banksy-hull-mary-poppins-art-1462727>>.

Grande parte desses dizeres sequer são palavras, mas formas e cores que traduzem os sentimentos e pensamentos de seus executores. Essas mensagens espalhadas em muros, pontes, marquises e até mesmo no chão são uma das várias formas de expressão do ser social suburbano. O jovem da periferia das grandes cidades encontra no grafite formas de buscar atenção, espaço e reconhecimento de seus pares, tentando deixar no mundo em que vive a sua marca.

Nascida de um ambiente de pobreza e violência dos guetos norte americanos, a arte do grafite, que carrega em si o apelo dos grupos de desfavorecidos por melhores condições de vida dentro dos grandes centros urbanos, espalhou-se mundo afora, ainda na década de 1970, levado também pelos artistas que viram nesse fenômeno das artes plásticas uma nova tendência inovadora.

No Brasil, essa arte subversiva encontrou solo fértil para criar raízes e fazer cabeças. Apesar de serem contextos sociais históricos e culturais muito diferentes, a cultura Hip Hop norte americana refletiu na juventude suburbana das grandes capitais brasileiras que, adaptando os conceitos desse movimento, o acabam fazendo explodir nas

grandes capitais Brasília em forma de som, dança, Rap, e artes plásticas.

O grafite, arte materializada em linguagem subversiva, pela retórica materializada, não pode e não deve ser exposta, pois revela os verdadeiros nichos sociais que isolam determinados segmentos dessa sociedade, que se querem tão promissores e adiantados.

A problematização deste tem como o grafite como forma de participação da construção de identidades sócio- políticos, na qual o grafite é arte de rua para a rua, que tem como suporte os muros e estabelece comunicação com o sujeito do cotidiano, levando-o a fazer gestos de leitura. A beleza é importante nesse tipo de arte, mas a afirmação identitária se sobressai. Há uma construção de identidades que, como afirma Silva (2000) “se constitui pela diferença”.

Partindo dessas ideias, indagamos o grafite como parte da construção da identidade de um povo, na qual de uma memória social individual ou coletiva e servindo como um “patrimônio efêmero” cultural nas cidades.

### O grafite na paisagem urbana

A inscrição das marcas na cidade é antiga. A cidade permite que seus habitantes se territorializem e desterritorializem intervenções que transformam o espaço urbano em um lugar de divulgações para confrontos sociais, cada um com seu interesse, gerando símbolos e signos na vida urbana de modo tão veloz e intenso que nosso olhar acostudou-se.

A cidade não é apenas um espaço com suas funções públicas e privadas, ela ultrapassa a ideia de apenas ser um conglomerado de grupos sociais e instituições legitimadoras, reflete todas as formas de comunicação dos grupos que nela transitam.

Assim, Arte Urbana pode ser definida como uma arte contemporânea, de cunho popular, que é feita em espaços externos da cidade, sobre o mobiliário urbano, sejam eles paredes, muros, placas e todo tipo de aparato de sinalização.

Essa necessidade de expressão e liberdade do povo, de mostrar que nem tudo está certo, de mostrar satisfação ou insatisfação com relação ao que ele vivencia, de deixar claro que existem necessidades coletivas que precisam ser supridas pelos que prestam serviço ao povo ganha voz na rua. Nela porque é onde o povo tem o maior contato com a comunidade e tudo que dela provem. Prosser, (2010, p.28) discorre que a arte é a expressão dos sistemas de vida e pensamentos individuais, sociedade épocas, contextualizados em momento e lugar. Nesse sentido a cidade é a confissão de concepções, crenças, angústias, alegrias, vitórias, derrotas e conflitos daqueles que habitam.

O grafite é arte de rua para a rua, que tem como suporte os muros e estabelece comunicação com o sujeito do cotidiano, levando-o a fazer gestos de leitura. A beleza é importante nesse tipo de arte, mas a afirmação identitária se sobressai. Há uma construção de identidades que, como afirma Silva (2000) “se constitui pela diferença”. Por causa dessa diferença, o grafite lutou muito para conquistar o patamar artístico, pois era visto como uma arte menor, por ser “arte de rua” em comparação com a arte exposta em galerias. Por muito tempo, o grafite não se configurou como arte, sendo considerado (assim como a pichação o é até hoje) vandalismo que “poluía” visualmente o espaço urbano.

Talvez seja o grafite um dos registros mais passageiro da sociedade, seu ciclo de vida está alinhado as suas ferramentas de registro e ao seu suporte que se torna público e mutável. Existe uma longa tradição de composição pictórica mural manifestada pelo ser humano, que a elege como uma das mais importantes maneiras de se comunicar.

Entre o ato de produzir marcas e composições imagéticas nos mais variados suportes, e mais especificamente no espaço das cidades contemporâneas, e a manifestação local enfocada, há certamente uma afinidade antropológica: a necessidade de deixar um registro de sua presença, uma prova de sua existência, de perenização de sua passagem pelos espaços em que se registra. Os grafites, como arte do efêmero, apontam e constroem outra imagem na e para a cidade.

Seus produtores desenham representações maneiristas, cuja iconografia é dotada de comportamentos e de posturas humanas, oferecendo um simbolismo fantástico de percepções de mundo.

Entendendo os grafites como artefatos que compõem parte da ampla cultura material de um dado grupo, elas podem nos informar sobre os padrões de comportamento (sociabilidade, posturas, atitudes, etc) dos participantes desse grupo, de sua relação e/ou adaptação com o espaço em que atuam e sobre seus valores cultuados.

A luta pela afirmação da identidade é justamente o que leva ao conflito e este gera identidades de resistência. Essa arte que é ousada, pois rompe com a normalidade, principalmente pelo lugar onde são encontradas (nos muros das cidades) nos leva a entender essa “marcação” da identidade pela diferença.

Para Woodward (2000, p.41):

As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições, como vimos no exemplo da Bósnia, no qual as identidades são construídas por meio de uma clara oposição entre “nós” e “eles”. A marcação da diferença é, assim, o componente-chave em qualquer sistema de classificação.

Segundo Jacques Le Goff (1990), a memória é um elemento essencial para a construção de identidades individuais e/ou coletivas. O controle da memória, assim como a sua construção, é uma das formas de dominar as massas e de firmar o poder das classes dominantes, daí a preocupação do Estado em reprimir, normalizar e disciplinar os sujeitos-autores.

O grafite é uma arte pública, disposta nos muros ao ar livre para ser apreciada (ou na maioria das vezes repudiada) por várias pessoas, de várias classes sociais, talvez por isso seja uma arte tão polêmica. Desde o início feito para ser escape dos sentimentos dos oprimidos, dos guetos, dos submundos dos metrô, para ser contemplado pela cidade refletindo o outro lado da metrópole, tornando a arte mais humana e realista, chocando os transeuntes. O grafite, até bem pouco tempo atrás, era visto como um ato de vandalismo, que “sujava” a cidade com meros rabiscos de gangues que se confrontam. Esta concepção mudou nos últimos dez anos aproximadamente e hoje o grafite é considerado uma obra de arte.

No que tange a memória, só podem ter um sentido, tanto individual quanto coletivamente quando imbricadas a fatos e momentos que tiveram e/ou ainda tem relevância para a formação social ou histórica de cada sujeito. Essas memórias produzidas por esses indivíduos ou grupos são carregadas de sentimentos oriundos de fatos passados,

que se deixam transparecer nos relatos destes tempos, seja por suas representações simbólicas, culturais, individuais, sociais e coletivas. (DIEHL, 2002)

Arte Urbana, neste caso, o grafite, pode ser definida como uma arte contemporânea, de cunho popular, que é feita em espaços externos da cidade, sobre o mobiliário urbano, sejam eles paredes, muros, placas e todo tipo de aparato de sinalização. Ela é transgressora já que, em certo sentido, não respeita os limites do público e do privado para se fazer expressar.

Partindo deste sentido, o grafite mesmo sendo considerado como arte subversiva para a sociedade, ela possui uma importância social e cultural para a mesma. No que tange a identidade cultural e social, ele implica em oferecer espaços para mostrar a face até então desconhecida de uma representação individual ou coletiva. Como produto da pós-modernidade, o grafite é caracterizado por sua efemeridade. Há, porém, casos nos quais seus usos podem sugerir formas de construção de identidades grupais que visam ao longo prazo. Para Armani (2001, p.29) a afirmação dessas identidades, o que seria uma celebração das substancializações da memória, de sua legitimação via dispositivos discursivos que recorrentemente patrimonializam o passado e o jogam para fora da própria história, para uma excessiva memorialização em que o mesmo é reiteradamente afirmado em detrimento do outro.

Como elemento que reflete os tempos contemporâneos, o grafite carrega uma outra marca dos tempos atuais: a efemeridade. Com a transformação de uma sociedade prospectiva, que sonha um futuro ideal, em uma sociedade que se desenrola num eterno presente, no aqui e agora, o grafite espelha esse efêmero e suas manifestações presentes, no aqui e agora, isto é, uma manifestação dinâmica e ativa como a sociedade, sempre em constante mutação.

### **Grafite e Patrimônio Cultural**

Sobre o patrimônio cultural, os bens culturais têm suma importância, pois os mesmos são um amalgama do conhecimento do homem transformado em artefato. Logo, cada artefato está intimamente ligado com o espaço e o tempo em que foi produzido, onde o sujeito criador tem consigo toda uma bagagem cultural e cognitiva para produção de tais artefatos. Assim, podemos concluir que toda a produção humana é de fato um patrimônio cultural, porém há entre esses os eleitos, os que são oficializados e assim legalmente preservados para posteridade.

Como elemento que reflete os tempos contemporâneos, o grafite carrega outra marca dos tempos atuais: a efemeridade. Com a transformação de uma sociedade prospectiva, que sonha um futuro ideal, em uma sociedade que se desenrola num eterno presente, no aqui e agora, o grafite espelha esse efêmero e suas manifestações presentes, no aqui e agora, isto é, uma manifestação dinâmica e ativa como a sociedade, sempre em constante mutação. É uma forma de linguagem fluída, espontânea, que acaba por sintetizar as modificações das cidades, já que ela mesma se modifica junto com o espaço público, ajudando a revelar a história e o comportamento de cada sociedade. (BIZARRIA; VASCONCELLOS, 2008, p.107)

O grafite podendo ser considerado como parte do patrimônio cultural da cidade, podemos dizer que, as cidades modernas são o foco principal para onde o entendimento acerca da cultura humana deve se dirigir, através da análise do que hoje são, do que foram outrora e do que poderão vir a ser. Em concordância com Lia Motta,

as cidades são, portanto, verdadeiros registros da história, de seu

processo de construção. São como documentos. Em suas formas, suas ruas e prédios (...) ficam gravados os registros do tempo e da sociedade que as produziu. (MOTTA, 2008, p.39)

Sendo assim, é possível inserir e fazer com que o grafite possa ser reconhecido como manifestação artística na cidade, juntamente com seus patrimônios consagrados.

Creemos que a questão da identidade da cidade está fortemente ligada à restrição do grafite, pois existe um choque de interesses. Se voltarmos para a questão do patrimônio e da memória, a cidade tenta de várias maneiras, tais como as já aqui tratadas suplantando essas memórias. A imagem de uma cidade limpa e sem conflitos sociais, ideal para política e propaganda só existe por de trás dos muros e ficam expostas quando o grafite junto a tantas outras formas de expressão do ser social suburbano é praticado e dão vozes aos excluídos. Cada grupo social tem direito de procurar e manter vivas suas raízes e por consequência sua herança cultural.

Até bem pouco tempo atrás, era e ainda é visto como um ato de vandalismo, que "sujava" a cidade com meros rabiscos de gangues que se confrontam. Esta concepção vem mudando aos poucos nos últimos anos, hoje muitos considerados como obras de arte. Desta ideia, surge a proteção a estes, ou seja, fazer com que eles possam ser inseridos junto aos patrimônios culturais da cidade, construindo o espaço, identidade e cidadania.

A história não mais contada de maneira linear, mas várias visões se inter cruzando num mosaico de acontecimentos e novos significados. O grafite, dessa forma, é uma manifestação expressiva que reflete esse momento social. Embora esse cenário da diluição das fronteiras rígidas dos Estados nacionais carregue no seu corolário a ideia da perda de autonomia das tradições culturais locais, percebe-se no movimento dos grafites um rearranjo de novas formas de preservação de seus dialetos locais.

Entendo a memória como parte de um sentimento de lembrança e de reconhecimento no campo social, pois é a partir dela que se torna possível re-memorar fatos que marcaram vidas e que possibilitam, muitas vezes, um melhor entendimento do desenvolvimento individual e coletivo.

Embora o grafite, em sua essência, seja uma arte efêmera, há a possibilidade de transformá-lo em um patrimônio cultural na medida em que se realiza a sua conversão em um recurso informacional imagético para posterior tratamento documental.

### **Conclusão**

Concluimos que a marcação da diferença é um fator extremamente importante na construção de identidades, bem como na afirmação do grafite como uma obra de arte autêntica, livre de julgamentos, não podendo ser desmerecida apenas por causa do local em que se insere geralmente em bairros da periferia, e da forma que se apresenta. É justamente esse conflito que vai culminar numa resistência.

Sobre a questão da memória, sua presença é de suma importância para o resgate cultural, e este resgate se dá pela retomada de elementos que estavam praticamente esquecidos em um passado remoto e que pode ser utilizado novamente, ser renovado, e voltar com nova roupagem, novas formas. Nos símbolos, encontram-se muito da essência do povo que vive a margem da sociedade, suas raízes culturais, construindo sua identidade nessa arte de contestação, sendo esta retomada necessária para a manutenção de uma memória social.

## Referências bibliográficas

ARMANI, Carlos Henrique. *Por uma escrita pós-colonial da história: uma introdução ao pensamento de stuart hall*. Revista Historae, Rio Grande. 2011, p. 21

BIZARRIA, Júlio César de Lima; VASCONCELLOS, Pedro Jorge Lo Duca. *O grafite como nexó territorial: os casos de San Lorenzo de Almagro e Bangu Atlético Clube*. Salvador, 2008

DIEHL, Astor Antonio. *Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru, SP: EDUSC, 2002

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1990.

MOTTA, Lia. *As cidades: sua valorização e proteção como documentos*. In: Memória e comunidade. Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural. Caderno de Ensaios. 2008.

PROSSER, E. (2010). *Graffiti Curitiba*. Curitiba: Kairós.

SILVA-E-SILVA, William da. *Graffitis em múltiplas facetas: definições e leituras iconográficas*. São Paulo: Annablume, 2011, 130p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart e WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. pp. 73-102

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart e WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.7-72